

“Professor é agro”: interdiscursos e formações discursivas capitalistas acerca da profissão de educador no século XXI

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3317>

Danilo Vizibeli¹

Michelle Aparecida Pereira Lopes²

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar, na ótica da Análise do Discurso francesa, os interdiscursos e as formações discursivas em circulação em um *post* veiculado no Dia do Professor 2020, um meme que circulou nas redes sociais e nos aplicativos de mensagem instantânea como o WhatsApp com a seguinte transposição: “Professor é agro; Professor é tec; Professor é top; Professor é tudo”. Nenhum discurso é neutro e as palavras carregam em si, nos posicionamentos dos seus sujeitos, a ideologia nas quais se inscrevem (Cf. PÉCHEUX, 2009). Analisam-se, assim, as formações discursivas capitalistas na educação. O discurso propagado neste acontecimento discursivo é carregado de ironia e interdição, uma vez que propósitos e metas do agronegócio são tomados como características do professorado brasileiro que repercute num silenciamento do(s) (não) sentido(s).

Palavras-chave: discurso; educação; capitalismo.

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Passos, Minas Gerais, Brasil; danilovizibeli@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4456-0216>

2 Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, Minas Gerais, Brasil; michellepopes5@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4011-0891>

“Teacher is agro”: interdiscourses and capitalist discursive formations about the profession of educator in the 21st century

Abstract

The objective of this paper is to analyze, from the perspective of French Discourse Analysis, the interdiscourses and discursive formations in circulation in a post published on Teacher’s Day 2020, a meme that circulated on social networks and instant messaging applications such as WhatsApp with the following transposition: “Teacher is agro; Teacher is tech; Teacher is top; Teacher is everything”. No discourse is neutral, and words carry within themselves, in the positions of their subjects, the ideology in which they are inscribed (Cf. PÊCHEUX, 2009). Thus, the capitalist discursive formations in education are analyzed. The discourse propagated in this discursive event is loaded with irony and interdiction, since agribusiness purposes and goals are taken as characteristics of the Brazilian professorship that reverberates in a silencing of the (non)sense(s).

Keywords: discourse; education; capitalism.

Introdução

Percebemos com a Análise do Discurso que os dizeres não são neutros. Ao contrário, são carregados de ideologia(s) e se inscrevem em dadas formações discursivas, que são, no discurso, a manifestação das formações ideológicas a partir das quais os dizeres são enunciados. Diante dessa perspectiva, a profissão de professor, inscrita no discurso pedagógico escolar e tomada pelas formações discursivas do campo da Educação, vem há muito tempo sendo perpassada por polêmicas, desvalorizações e esvaziamento do seu significado, o que transpõe para o campo da Educação uma tomada de posição numa ótica mercantilista, capitalista e produtivista. É como se os saberes vinculados ao processo de aprendizado das crianças e adolescentes pudessem ser produzidos na mesma esteira de uma fábrica produtiva de algum item de consumo.

Feitos esses apontamentos iniciais, chamou a atenção um acontecimento social e discursivo do dia 15 de outubro de 2020, em plena pandemia de COVID-19 (Sars-COV-2), quando se veiculou nas redes sociais e, mais precisamente, em diversos grupos do aplicativo de conversa instantânea WhatsApp, uma imagem de dois professores com semblante de grande alegria e contentamento – um homem e uma mulher – sentados em suas mesas de trabalho, abarrotadas de livros, com os enunciados verbais: “Educação no Coração: Professor é agro, professor é tec, Professor é *top*, Professor é tudo. Tá no Insta, tá no Face, tá no WhatsApp, tá no YouTube... Professor é a indústria e a riqueza do Brasil!”. Esses enunciados são transpostos em forma de paródia de uma propaganda veiculada na Rede Globo de Televisão como incentivo ao agronegócio, sendo no original a palavra professor substituída por Agro, nas seguintes colocações: “Agro é pop, Agro é tech, Agro é tudo! Agro é a indústria e a riqueza do Brasil!”.

Como já mostrado, a partir do final de 2019 e começo de 2020, o mundo inteiro passou a viver sob a calamidade da pandemia de COVID-19 e as aulas presenciais das escolas brasileiras – tanto da rede pública, quanto privada – foram transpostas para o modelo remoto com o uso da tecnologia, computadores e *smarthphones* e das mais diversas plataformas digitais e aplicativos, devido à necessidade de isolamento social para não disseminar a contaminação pelo novo coronavírus (SarsCOV-2). Passada toda a efervescência do momento enunciativo deste *post*, sem chamar a atenção das pessoas comuns que o veicularam, compartilharam e deram seus *likes* sem desnudar o sentido, sem encontrar alhures sentidos que ecoam e deixam seus rastros no movimento histórico e ideológico de uma sociedade na qual a educação é sempre negada e posta em segundo plano, no dia 20 de abril de 2021, o deputado federal Ricardo Barros (Progressistas), líder do governo na Câmara dos Deputados, proferiu o seguinte enunciado acerca dos docentes: “Só o professor não quer trabalhar na pandemia!”. A assertiva diz respeito ao fato de os docentes não se sentirem seguros para voltar às escolas com as aulas presenciais sem vacina para servidores e para os alunos e famílias, como se o trabalho *on-line* – que muito tem desgastado e muitas vezes os professores têm usado recursos próprios para desenvolverem suas aulas remotas – não fosse um trabalho de fato.

Sob a ótica da Análise do Discurso francesa, serão analisados, acerca deste acontecimento discursivo, os interdiscursos e as formações discursivas (conceitos da AD) neste processo de enunciação. A seguir, refletiremos sobre tais conceitos para nas análises questionar: o que significa dizer que o professor é *agro*, é *tec*, é *top*, é *tudo*? Quais sentidos circulam, se estabilizam ou se polemizam neste processo enunciativo? Quais discursos e interdiscursos estão em transposição no funcionamento discursivo? Este *post* é uma crítica, uma sátira ou concordância entre as características do agronegócio e as características do professorado brasileiro? Se o professor é a riqueza do Brasil, por que não é valorizado?

Num gesto de análise inicial, podemos dizer que comparar os processos educativos com uma indústria capitalista como é a do agronegócio faz mobilizar sentidos que nos colocam à mercê de uma ótica produtivista, sendo que o professorado brasileiro se desgasta, está em todos os lugares, em todas as plataformas *on-line*, mas não é valorizado, não é reconhecido e muito menos apoiado. Queremos entender por que o professor “é a indústria e a riqueza do Brasil”, se a Educação é tão desvalorizada e está sendo tão desmontada nesse atual governo. Parece haver aí um paradoxo, que na AD é marcado pela contradição dos dizeres, pelo apagamento e silenciamento de outros sentidos escondidos na enunciação. Mediante essas problematizações de pesquisa, a título de constituição do *corpus*, além dos dizeres que compõem o meme, serão utilizadas matérias jornalísticas, textos de *blog* e comentários nas redes sociais que acompanharam a postagem e serão submetidos a um recorte para o estudo.

O acontecimento discursivo, os interdiscursos e as formações discursivas em questão

Em Análise de Discurso, pode-se pensar que não há nenhum discurso original, bem como não há nenhum discurso neutro. Toda produção discursiva se dá em determinadas condições de produção e aventam um movimento ora parafrástico, ora polissêmico como entendido por Orlandi (2009, p. 36):

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Há portanto alguns discursos mais parafrásticos e outros mais polissêmicos, levando sempre em conta um movimento das palavras e dos dizeres, pois todo discurso é produção de sentido. Na produção discursiva, algo irrompe como “ponto inaugural” ou como o “novo”, e há um deslocamento de dizeres e sentidos para outras formações discursivas. Foi no livro *Discurso: estrutura ou acontecimento* que Pêcheux aprofundou a noção de acontecimento, já nas fases finais de sua proposição teórica antes de sua morte. Como acontecimento ele define: “o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). É a partir da atualidade e da memória que irrompe o novo ressignificando os dizeres. Isso mostra a opacidade e a movência da língua que se articula à história, à ideologia e ao inconsciente para simbolizar.

Para analisar o discurso, é preciso analisar as condições de produção dos enunciados. As condições de produção são o contexto social, histórico e ideológico em que os dizeres foram enunciados. Em sentido restrito, dizem respeito ao contexto situacional em que os dizeres ganham corpo na materialidade da língua. Já em sentido amplo, ou seja, no viés discursivo, analisar as condições de produção é interpretar o movimento da historicidade em que o dizer se inscreve dentro de uma dada sociedade e marcado pela(s) ideologia(s) (ORLANDI, 2009). Nessa inscrição no movimento da historicidade, como dizemos que nenhum discurso é original, todo discurso retoma outros discursos, temos o conceito de interdiscurso, que é a relação (inter) entre discursos.

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2009, p. 31).

Além de analisar as condições de produção e os interdiscursos, também foi escolhido para as análises que serão empreendidas no próximo tópico o conceito de formação discursiva, uma vez que a temática aqui abordada se inscreve em modos próprios de dizer. Para Pêcheux (2009, p. 147), a formação discursiva é o modo próprio de dizer que regula o que pode e deve ser dito.

[...] numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).

A formação discursiva (FD) diz respeito ao agrupamento do discurso sobre determinadas ideologias. É por meio do conceito de FD que se liga a língua à exterioridade, pois o sentido não está nas palavras em si, mas “derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2009, p. 43). As FDs estão diretamente ligadas ao interdiscurso e “podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações” (*idem*, p. 43).

Os conceitos em AD são importantes para sustentar a análise, pois dizemos que a Análise do Discurso não é uma metodologia fechada em si, mas um batimento entre a teoria e a metodologia. Ao levantar o *corpus*, o analista define sua metodologia e faz esta volta entre os pressupostos teóricos e os pressupostos metodológicos. Por isso, faz-se necessário considerar alguns procedimentos metodológicos do modo como empreendemos a análise e do modo como os interdiscursos e as formações discursivas do acontecimento que estamos investigando foram analisados.

Primeiramente, é preciso considerar também que uma análise discursiva não é única. O que se pode pensar é em gestos de análise, uma vez que também há um posicionamento do analista.

De acordo com Fernandes (2008, p. 15):

Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.

Dessa forma, um primeiro passo dos procedimentos analíticos é constituir um *corpus*, que é composto a partir do objetivo de pesquisa ou então uma dada materialidade suscita um objetivo a ser investigado. Foi o que aconteceu neste trabalho. Ao deparar com a materialidade veiculada em forma de memes, achamos interessante definir uma

pesquisa que interprete e analise os discursos capitalistas da educação. A partir disso, compusemos um *corpus*, a partir de outras notícias e até mesmo outros memes que circularam sobre a questão.

Feitos estes apontamentos teóricos e metodológicos, passaremos a descrever nosso *corpus* e a submetê-lo à análise.

De “Agro é tech” para “Professor é agro”: o acontecimento dos ditos e dos silêncios enunciados na perspectiva capitalista da “indústria e riqueza do Brasil”

Mostraremos de agora em diante como o deslocamento enunciativo de “Agro é tech” para “Professor é agro” produz sentidos que não estão soltos, mas ideologicamente marcados e como se dá o acontecimento discursivo que se faz nos ditos, mas também nos silêncios.

A campanha da Rede Globo de Televisão “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil”, iniciada em 2016 e vigente até hoje, já suscitou diversos trabalhos, sendo a maioria deles com relação à geografia, agronomia, uso de agrotóxicos e outros, e também muitos voltados para a área da Comunicação Social e, mais especificamente, da Publicidade e Propaganda.

Segundo Santos (2018, p. 72), a tal propaganda:

[...] busca criar uma imagem positiva e moderna da agricultura capitalista e do latifúndio. Segundo seus idealizadores, a campanha tem por objetivo conectar o consumidor com o produtor rural e ao mesmo tempo desmistificar a produção agrícola aos olhos da sociedade urbana. Reconhecida e premiada pela Sociedade Nacional da Indústria em janeiro de 2017, por destacar a importância da agropecuária na vida dos brasileiros, tal campanha, que inclusive já divulgou imagens de escravos trabalhando nos engenhos coloniais de cana-de-açúcar, exalta a modernidade e o progresso econômico do agronegócio, mascarando a real situação do campo no Brasil, que promove inúmeros impactos socioambientais, entre eles, as desigualdades socioespaciais nas cidades inseridas nas Regiões Produtivas do Agronegócio.

O agronegócio é tomado nesta campanha publicitária como algo que desenvolve o Brasil. Inscreve-se os enunciados então produzidos numa formação discursiva desenvolvimentista, mas, como iremos mostrar, o jogo discursivo em questão faz deslocar os sentidos para outras formações discursivas que até então são silenciadas e acobertadas pelo discurso capitalista produtivista, negando (já que o negacionismo está em moda e em voga nas políticas atuais) relações trabalhistas deploráveis, direitos

não atendidos de trabalhadores rurais, a posse da terra pelo latifundiário, interferindo na demarcação e no direito nativo de terras indígenas, quilombolas e na distribuição de porções de terras do Estado para pequenos produtores numa reforma agrária que seja concreta.

Nessa conjuntura, em um outro campo discursivo, o meme³ em homenagem ao Dia do Professor, aqui analisado, aborda mais especificamente a profissão de professor e os sentidos em circulação sobre o que é ser professor no século XXI, inclusive dentro de uma pandemia de COVID-19. Esses sentidos se inscrevem no discurso pedagógico que, em seu funcionamento discursivo, carrega polêmicas e jogos de sentidos que permeiam o imaginário do ser professor diante de tantas adversidades. Dessa forma, na sociedade brasileira, a profissão de professor é desvalorizada, mas no meme ela parece ganhar uma positividade, porém há um esvaziamento do seu significado. A partir do momento em que há uma transposição de uma propaganda televisiva a respeito do agronegócio para a figura do professor, há um atravessamento do discurso pedagógico pelo discurso econômico que segue uma ótica mercantilista, capitalista e produtivista. Com isso, saberes vinculados ao processo de aprendizado das crianças e adolescentes se constituem como se fossem algo que pudesse ser produzido na mesma esteira de uma fábrica produtiva de algum item de consumo.

A educação brasileira passa por esse período da produtividade. Até mesmo em instâncias governamentais, como é o caso da Capes, CNPq, entre outras, é cobrada a produtividade tanto do corpo docente quanto do corpo discente. É assim que situações emblemáticas como a não valorização das Ciências Humanas por não oferecerem um produto palpável, ou seja, físico, são pontos de reflexão interessantes que poderiam ser tomados em outro trabalho. Aqui, estamos falando da educação básica que também vai seguir na esteira do produtivismo e que é avaliada de tempos em tempos por provas como Prova Brasil, o próprio Enem e, internacionais, como o Pisa, que inclusive é elaborado e gerenciado por um órgão de viés econômico que é a OCDE.

Vital e Urt (2021), no artigo “Do imprevisível pandêmico ao intencional formativo: uma Psicologia Educacional/Escolar para pensar o enfrentamento ao adoecimento docente” também se utilizam do meme entre os recortes do *corpus* do estudo com o intuito de pensar a inter-relação Psicologia Educacional/Escolar, formação continuada de professores e adoecimento docente. Apesar de terem uma ótica diferente da que propomos aqui, as autoras apresentam considerações interessantes que também partem da visão de uma

3 De acordo como Horta (2015, p. 29), o termo “meme” foi inventado por Richard Dawkins em 1976, adotado nas últimas décadas para determinar o fenômeno comunicacional da internet. “Nesse sentido, em um primeiro momento, definindo a concepção de meme de maneira simples e direta, podemos afirmar que a explicação de Dawkins elucida o fenômeno que se configurou na *web* por conceber o meme como algo (uma ideia ou uma informação) que se replica no tempo e no espaço”.

educação pautada no capitalismo. Para elas, é urgente “entender a educação a partir de determinantes históricos que incidem sobre ela, e que as mudanças das formas de produção da existência humana foram gerando historicamente determinadas concepções de educação e de formação docente” (VITAL; URT, 2021, p. 120). O pensamento das autoras sobre o meme, com o qual concordamos, é o de que:

Esse conteúdo pode ser visto como uma ironia ou uma crítica, e faz pensar que, apesar de a vinda avassaladora da COVID-19 ter imposto rigorosas restrições à sociedade e, por consequência, às instituições escolares, inviabilizando a permanência do processo educativo em modo presencial e promovendo o denominado ensino remoto, há também um contexto neoliberal no qual esse processo está inserido e o professor é participe. (VITAL; URT, 2021, p. 123).

Tomamos a transposição para o meme “Professor é agro” como um acontecimento discursivo, pois há um deslocamento de um campo para o outro, inaugurando novos dizeres.

Assim que o meme foi publicado, ele circulou com os dizeres da forma como trazemos aqui: “Professor é agro”. Logo depois, surgiram outras imagens com outros dizeres. Pareceu haver uma incompatibilidade com o fato de o professor ser agro. O que isso significa? A enunciação já havia ocorrido e mesmo que seja uma falha, um lapso, os sentidos mobilizados constroem ditos e não ditos, vozes e silenciamentos que perpassam a profissão de professor. A partir de agora, analisaremos os interdiscursos e as formações discursivas deste acontecimento, partindo da materialidade linguística para chegarmos às discursividades em circulação. Trazemos a materialidade verbo-visual acompanhada de sua transposição verbal (em texto) para facilitar as análises. Observe o recorte:

Recorte 1:

Figura 1



Fonte: Facebook (2021)

"**Educação** no **coração**. **Professor** é **agro**, professor é **tec**, Professor é **top**, Professor é **tudo**. Tá no **Insta**, tá no **Face**, tá no **WhatsApp**, tá no **YouTube**... Professor é a **indústria** e a **riqueza** do Brasil!"

Fizemos algumas marcações que facilitarão a análise. Primeiramente, no enunciado "Educação no coração", não se associa a educação a qualquer parte do corpo: ela está no coração, órgão associado às emoções. Dessa forma, a formação discursiva não é a da crítica ou resistência, mas de um retrato do professor que ama a profissão e faz tudo por ela.

O enunciado seguinte é feito na formulação anafórica "Professor é" numa estrutura sintática de predicado nominal em que se apresenta o verbo "ser" como verbo de ligação (Professor é) e os predicativos do sujeito: *agro*, *tec*, *top*, *tudo*. No discurso publicitário, essa repetição marca uma reiteração do produto ou ideia a ser vendida, no caso da propaganda original, o *agro* (negócio). O primeiro predicativo – *agro* – demonstra que:

Nesse contexto, a educação é entendida como uma atividade do sistema de produção não material, uma modalidade em que "o produto não se separa da produção [...], pois a produção e o consumo ocorrem ao mesmo tempo. Assim, por exemplo, a gravação de uma aula *on-line* é produzida e consumida ao mesmo tempo – produzida pelo professor e consumida pelos alunos", mas,

como acontece com o trabalho material, este também “fica subordinado ao capital comercial” (SAVIANI, 2020, s. p). Segundo Galvão (2010, p. 159), trabalho imaterial é um termo utilizado para designar, entre outros fatores, “Um novo tipo de produção, baseada na informação, no conhecimento e em meios de trabalho automatizados; [...] Um tipo de trabalho que colocaria em xeque a separação entre tarefas de concepção e de execução [...]”. (VITAL; URT, 2021, p. 123).

“O professor é tec” está na ordem da atualização e capacitação para o uso das tecnologias, mas sabemos que não é bem assim. Muitos professores têm dificuldades com o uso da tecnologia e não estão preparados para trabalhar com ela. Quando chegou a pandemia do novo coronavírus, obrigando os professores a trabalhar de forma remota, muitos foram pegos de surpresa. Uma reportagem do G1 mostra já na manchete que “Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa”⁴. Esse enunciado remete diretamente para os enunciados finais: “Tá no Insta, tá no Face, tá no WhatsApp, tá no YouTube” que trazem nominalmente redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea da internet e que são grandes conglomerados de alto capital. Além disso, não há um investimento de recursos financeiros no professor que arca do seu bolso com as despesas oriundas do uso destas tecnologias. Isso nos faz remeter ao recorte 2 de um outro *post* que diz:

4 Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2021.

Recorte 2:

Figura 2



Fonte: Facebook (2021)

“Vagabundos?”

O custo do professor com as aulas remotas

Mobiliário – professor paga

Ar-condicionado – professor paga

Computador – professor paga

Internet – professor paga

Energia – professor paga

Telefone – professor paga

Jornada de trabalho – até cumprir

Metas – escola define

Toda minha solidariedade a esses guerreiros que tentam diariamente salvar o que resta desse país!⁵

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3oQTCAat>. Acesso em: 11 set. 2021.

O *post* faz alusão ao pronunciamento do deputado federal Ricardo Barros (Progressistas) já destacado na introdução deste artigo. A formação discursiva do capitalismo é articulada na inscrição das práticas dos professores que são explorados e ainda, segundo reportagem da Agência Brasil EBC⁶, que inclusive é uma agência governamental, publicada no dia 16 de julho de 2019:

A maior parte dos professores das escolas do país busca sozinha formação sobre tecnologias. Segundo a pesquisa TIC Educação, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), divulgada hoje (16), 92% dos professores de escolas públicas e 86% de escolas particulares buscam, por conta própria, se informar sobre novos recursos que podem usar no ensino e sobre inovações tecnológicas. (AGÊNCIA BRASIL, 2019, *on-line*).

Isso nos coloca diante da pergunta: qual professor é *tec*? Diante desse imperativo de trabalho exploratório, Vital e Urt (2021) citadas acima, trazem o interdiscurso da polivalência, a partir do momento em que “Professor é tudo”, e da onipresença, está em todos os lugares: no Insta, no YouTube, no WhatsApp, no Face.

Por fim, “Professor é a indústria e a riqueza do Brasil”. Neste enunciado, além da FD capitalista, temos uma FD desenvolvimentista por meio dos vocábulos indústria e riqueza. Tomar a educação como produto coaduna com o que Imbernón (2009), ao tratar da formação continuada de professores, chama de racionalidade técnica, e que Morin (2000) coloca como uma das falácias da educação que precisa ser vencida para se ter uma boa educação no século XXI.

Uma reestruturação profissional do professorado e de sua formação precisa se opor frontalmente a toda manifestação explícita ou oculta da racionalidade técnica que, com outros nomes e procedimentos, nos leva de volta ao passado (competências, planos estratégicos, qualidade, eficiência...), sem análise, seja nos conteúdos curriculares ou nas formas de gestão, seja no controle técnico burocrático da educação e da formação. (IMBERNÓN, 2009, p. 37).

Aplaudir este meme aqui analisado e fazê-lo circular é cair nas malhas desta educação sob a ótica de mercado, capitalista e reprodutivista.

Não é possível detectar com muita clareza quem produziu o meme. Os sentidos em circulação, entretanto, marcam sujeitos discursivos num entremeio daquilo que é dito e daquilo que é silenciado. Ao tomarmos o gênero paródia, há sempre uma sátira, uma

6 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-07/maioria-dos-professores-aprende-sozinha-informacoes-sobre-tecnologia>. Acesso em: 11 set. 2021.

brincadeira com os dizeres de uma música ou de um texto. Neste caso, de acordo com Pêcheux (2009), as palavras mudam de sentido de acordo com a formação discursiva nas quais se inscrevem.

As condições de produção dos enunciados aqui analisados demonstram uma conjuntura de contradição na educação. Marcados por um contexto de pandemia, os professores se desdobram em multitarefas para dar conta do ensino remoto até então não praticado nas escolas brasileiras. Nesse ínterim, olhar a produção discursiva deste momento é observar sujeitos em sua polifonia, ou seja, muitas vozes a reverberar no movimento da educação brasileira, mas que com frequência são silenciados por jogos discursivos a demarcar um poder que faz com que a educação seja inscrita na FD do capitalismo, da produção, do desenvolvimento, e que na verdade, na prática, é a educação da falta, da carência, da precariedade.

O discurso “Professor é agro” aventa duas possibilidades: a primeira uma crítica à famosa propaganda da Rede Globo, uma vez que o verdadeiro profissional que faz o Brasil “andar, crescer, produzir” é o professor – e aí temos uma polissemia; e a segunda, uma repetição ao transpor em forma de paródia, concordando que o agronegócio é algo benéfico, repete-se para o professor, sem dar voz, sem escutar que os sentidos aí instituídos são perigosos, uma vez que continuam a reproduzir um movimento de alienação e acumulação de riquezas na mão de uns poucos em detrimento de um verdadeiro empoderamento dos sujeitos então excluídos – professores e alunos das escolas públicas brasileiras (não se encaixa aqui as escolas particulares com boa estrutura e boas condições no geral) – dessa forma, uma paráfrase.

Considerações finais

Diante do *corpus* aqui apresentado, ao se pensar a educação em pleno século XXI, verificamos que os sentidos circulam no espaço virtual de forma rápida a ganhar novos contextos por meio de outras materialidades apresentadas no próprio espaço virtual, na televisão, no rádio ou nas diversas outras mídias. Os sujeitos produtores de determinados conteúdos que articulam enunciados recheados de sentidos em luta, contradição e embate, se filiam a determinadas posições que, num primeiro momento, são tomadas como posições do nível do humor, mesmo que para gerar uma luta e resistência. Contudo, o sujeito e o discurso não são neutros, se inscrevem em determinadas formações discursivas e os dizeres não estão soltos na história. Eles revelam memórias que na discursividade são os interdiscursos a relacionar discursos de outros campos que não o da educação que a tomam como mecanismo de produção, reprodução e geração de capital, como riquezas materiais porque, se não for assim, a educação não faz sentido, como se o sentido fosse único, acabado e fechado.

Professores e alunos, durante a pandemia de COVID-19 no mundo todo, foram tomados pela necessidade de se praticar outros tipos de técnicas para continuarem praticando a educação. No Brasil, esse cenário reforçou desigualdades e acentuou a falta de valorização e de formação continuada do professorado, gerando sobrecarga de trabalho e exaustão.

Este artigo procurou analisar as formações discursivas capitalistas na educação, como elas circulam no espaço virtual e formulam e constituem um discurso então propagado, carregado de ironia e de interdição, uma vez que propósitos e metas do agronegócio são tomados como características do professorado brasileiro e repercutem num silenciamento do(s) (não) sentido(s).

“O agro é pop, é *tech*, é tudo”, o professor não! A profissão de professor não é popularizada, a tecnologia não alcança a todos e o professor não deveria ser tudo, pois não se pode colocar a responsabilidade acima do que o professor está preparado se não lhe forem oferecidas boa condição de preparo, formação continuada e um bom plano de carreira. As escolas não precisam ser indústrias, nem produtoras de riquezas, assim como se produz o capital. As escolas precisam produzir conhecimento, que se acumula, mas não da forma da produção material e, por isso, é do nível do outro que se olha a educação. Do outro que explora, subjuga e controla.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL EBC. Maioria dos professores aprende sozinha informações sobre tecnologia. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-07/maioria-dos-professores-aprende-sozinha-informacoes-sobre-tecnologia>. Acesso em: 11 set. 2021.

FERNANDES, C. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

HORTA, N. B. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf. Acesso em: 11 set. 2021.

IMBERNÓN, F. *Formação permanente do professorado: novas tendências*. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

MORIN, E. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, E. Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2021.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

SANTOS, A. E. O agro tech-pop-tudo e as desigualdades socioespaciais em uma cidade do agronegócio no Cerrado: Primavera do Leste – MT. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*. Barra do Garças, v. 8, n. 1, p. 71-84. jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6984>. Acesso em: 11 set. 2021.

VITAL, S. C. C.; URT, S. da C. Do imprevisível pandêmico ao intencional formativo: uma Psicologia Educacional/Escolar para pensar o enfrentamento ao adoecimento docente. In: NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. de O. (org.). *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/42oBe0A>. Acesso em: 11 set. 2021